

BÍOS DE TRADUTOR (II):**UMA NOVA TRADUÇÃO DO TEXTO DE LUCIANO, *ANABIOÛNTES È HALIEÚS*,
CONHECIDO EM PORTUGUÊS COMO *RESSUSCITADOS OU O PESCADOR****Rafael Silva*¹

Resumo: Dando continuidade a um projeto de tradução crítica da obra de Luciano para o Brasil contemporâneo, proponho aqui uma versão do texto *Anabioûntes è Halieús*, conhecido em português como *Ressuscitados ou O Pescador*. A ação desse diálogo surge como consequência da escrita e publicação de um texto anterior, *Bíôn prásis (Leilão de vidas)*, abordando algumas de suas questões por um viés diferente, mais explícito e combativo. Trata-se aqui ainda da crítica ao charlatanismo, mas também de uma defesa aberta de um *bíos* efetivamente filosófico. Na introdução ao texto, ressalto a importância da dimensão ética nos escritos de Luciano e sugiro transpor algumas de suas reflexões para uma ética da tradução.

Palavras-chave: Luciano de Samósata; tradução; filosofia; literatura grega.

Abstract: Developing a project of critical translation of Lucian's work to contemporary Brazil, I propose a version of the text *Anabioûntes è Halieús*, known in English as *The Dead Come to Life, or The Fisherman*. The action of this dialogue arises as a consequence of the writing and publication of a previous text, *Bíôn prásis (Auction of Lives)*, and it approaches some of its questions through a different, more explicit and combative bias. It puts up another criticism of quackery, but also an open defense of an effectively philosophical *bíos*. In the introduction to the text, I emphasize the importance of the ethical dimension in Lucian's writings and I suggest transposing some of his reflections into an ethics of translation.

Keywords: Lucian of Samosata; Translation; philosophy; Greek literature.

Luciano de Samósata é um nome fundamental para a compreensão não apenas do tempo em que viveu – no século II d.C. –, mas para boa parte do que foi produzido de melhor em termos de literatura na tradição cultural de base greco-romana. Na linha do que tem sido demonstrado com cada vez mais clareza por trabalhos recentes dedicados à leitura do *corpus*

¹ Estudante de Língua e Literatura Clássicas (Grego Antigo), doutorando no POS-LIT da UFMG, com interesses que vão da Filosofia e da História (Antigas e Contemporâneas) à Teoria da Literatura, além de teoria e prática da Tradução e da Educação. Elaborou uma monografia sobre Uma poética de Platão, uma dissertação chamada Arqueologias do drama: uma arqueologia dramática, e atualmente desenvolve sua tese Os Estudos Clássicos na Universidade Contemporânea. Atua como co-organizador do Seminário de Estudos Clássicos e Medievais, ligado ao NEAM, em cooperação com os profs. Teodoro Rennó Assunção (2017/01) e Olimar Flores-Júnior (2017/02; 2018/01; 2018/02; 2019/01), ambos da FALE-UFMG. Atua, desde 2016, no Apoio Pedagógico da FALE-UFMG, com as seguintes disciplinas: Linguística Comparada (2016/01); Literatura Comparada (2016/02; 2017/01; 2017/02); Introdução aos Estudos Literários e Teorias da Narrativa (2018/01; 2018/02). Desde 2018, é editor da Em Tese (B1), revista discente de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (POSLIT/ FALE/ UFMG).

lucianum à luz de seu próprio contexto histórico, o autor delineou uma reflexão crítica extremamente profunda da sociedade de sua época. As leituras de Relihan Branham (1989), Jacyntho Lins Brandão (2001) e Igor Barbosa Cardoso (2015) são algumas das que aprofundam os primeiros *insights* sugeridos pelo estudo monumental de Lucien Bompaire (1958) acerca da relação entre *mímesis* e realidade histórica na obra de Luciano. As análises mais recentes sugerem que ele foi um escritor muito consciente de suas escolhas filosófico-literárias, dotado de grande verve contra tudo o que considerava indigno dos valores de seu tempo, sobretudo quando se tratava dos *pepaideuménoi* (isto é, dos homens cultos, dotados de educação formal). Como intelectual, ele escreveu sem a menor condescendência com aqueles que, habilitados pelo acesso à *paideía*, não demonstravam um comportamento condizente com as expectativas geradas por isso.

A meu ver, Luciano, tanto em suas obras quanto também em sua vida,² delineia um *bíos* pautado pelos mais elevados valores da sociedade de seu tempo. Aqui cabe especificar que essa palavra grega, *bíos*, costuma ser traduzida por “vida”, embora tenha implicações mais morais do que propriamente biológicas (ao contrário do que uma análise etimológica apressada poderia sugerir), sendo usada com frequência para se referir à existência humana (ao contrário de *zōē*, que se refere à vida em sentido lato). A esse respeito, e com o objetivo de esclarecer a dimensão ética por trás dessas sugestões, vale a pena retomar certas palavras de Werner Jaeger sobre o uso da noção de *bíos* desde Platão (pensador importante para boa parte da tradição grega antiga, incluindo o autor de Samósata):

Existem em grego várias palavras para exprimir o que nós chamamos “vida”: *aíón* designa a vida como duração e tempo delimitado de viver; *zoé* significa antes o fenômeno natural da vida, o fato de estar vivo; *bíos* é a vida considerada unidade de vida individual, a que a morte põe termo, e também subsistência: é, por conseguinte, a vida como qualitativamente distinta daquela de outros seres humanos. É esse aspecto expresso na palavra *bíos* o que melhor se enquadra ao novo conceito da vida como criação de um *éthos* determinado, de uma firme conduta de vida do Homem. É sempre como um todo, e não só nos seus diferentes atos ou manifestações que a força do espírito de Platão para plasmar tipos vê o Homem. Com o conceito de *bíos*, Platão

² Para tratar desse espinhoso tema, Brandão (2015) cunhou a expressão “biografia literária” e a empregou como título de uma seleção de textos de Luciano, nos quais há certo pendor – em termos poético-retóricos – pela escrita da própria vida. Acerca disso, o estudioso esclarece o seguinte: “Podemos dizer que é a noção de responsabilidade que se aplica ao poeta antigo que faz com que ele não possa reduzir-se ao estatuto do narrador moderno ou de um incerto e romantizado ‘eu poético’, constituindo uma entidade encarnada no *corpus* textual, que aliás é a única encarnação de que dispõe. É nesse sentido que aqui se fala de biografia literária de Luciano, a qual não se confunde com o que poderia ser ou ter sido uma biografia de Luciano, mas também não dissolve o quanto a literatura de Luciano tem de biográfica. O que interessa é reconhecer esse traço um pouco espalhado por toda parte pelo *corpus* luciânico, que leva a que se entenda – contraditória ou talvez complementarmente – ora que a vida está visível sob a pele delgada do texto, ora que não se mostra ela senão com extrema avareza.” (BRANDÃO, 2015, p. 15-16).

imprime ao pensamento filosófico o impulso cujos efeitos duradouros são sentidos na longa história desse conceito na Filosofia e no pensamento ético e religioso dos séculos seguintes [...]. (JAEGER, 2013, p. 976).

Como sugeri na introdução de uma tradução recente do texto *Bíōn prásis* (título normalmente traduzido por *Leilão de vidas* ou *Venda dos filósofos*), Luciano insere-se na “longa história desse conceito” e o faz de modo extremamente crítico. Acredito que ele proponha um modelo de comportamento pautado por um profundo amor pela verdade e pelo conhecimento, afim, portanto, à filosofia (no sentido mais radical que o termo pode ter). O fato de que ele não tenha se privado do riso como meio preferencial para alcançar seus fins filosóficos não diminui em nada a qualidade de seu trabalho de reflexão, pois ele o promoveu “levando o rir a sério” (EUNÁPIO 2.1.9).

Não é à toa que sua obra é fonte de uma importantíssima tradição de pensamento na história da produção literária de base greco-romana. Aludo aqui à tradição luciânica, em seu diálogo com a célebre sátira menipeia (embora de Menipo não reste praticamente nada), e que conta com nomes não menos célebres do que os de Erasmo de Roterdã, Thomas More, François Rabelais, Jonathan Swift, Laurence Sterne, Voltaire, Machado de Assis e Dostoiévski. Reconhecida e explorada por Mikhail Bakhtin (1997), num livro bastante conhecido no Brasil, essa tradição pode ser caracterizada por sua verve satírica, fundamentalmente crítica dos costumes e da sociedade, ridicularizados por meio de recursos cômicos e estratégias de estranhamento, ainda que, por isso mesmo, jamais prescindia de um entendimento elevado de seus próprios valores.

Em meus estudos sobre Luciano (XXXXX, XXXXX), tenho tentado destacar essa dimensão ética na base de seu trabalho satírico. Evidentemente, nem sempre é fácil desconstruir os séculos de sua recepção negativa. A julgar por suas próprias obras, sua parrésia – isto é, sua franqueza de discurso – lhe valeu inimigos ferozes desde quando escreveu e divulgou seus primeiros escritos. Acerca disso, o texto aqui traduzido e publicado é absolutamente exemplar: nele, *Parresíades* (Παρρησιάζης), uma espécie de *alter ego* de Luciano, emprega sua coragem para a verdade a fim de denunciar o charlatanismo de certos intelectuais de sua época, atuando como interesseiros egoístas a serviço dos poderosos, em detrimento da defesa do verdadeiro conhecimento. Como não poderia deixar de ser, sua recepção posterior também encontrou muitas resistências por parte das elites beneficiárias das estruturas de poder social e foi marcada por desconfianças e, não raro, hostilidades. Que se leve em consideração estes testemunhos da Antiguidade cristã sobre Luciano:

sua ocupação é fazer, em prosa, comédia dos gregos. Parece ser dos que não respeitam absolutamente nada, pois, fazendo comédia e brincando com as crenças alheias, ele próprio não define o que honra, a não ser que alguém diga que sua crença é em nada crer. (FÓCIO, *Biblioteca* 128, trad. Jacyntho Brandão).

Ou ainda:

Luciano, samosatense, o chamado blasfemo ou difamador – ou ateu, para dizer mais – porque, em seus diálogos, atribuiu ser risível até o que se diz sobre as divindades. Era, de início, advogado em Antioquia, na Síria, mas, não tendo tido sucesso, voltou-se para a logografia e escreveu infindáveis obras. Diz-se ter sido morto por cães, posto que foi contaminado pela raiva contra a verdade, pois, na vida de Peregrino, o infame atacou o cristianismo e blasfemou contra o próprio Cristo. Por isso, também pagou, com a raiva, a pena devida neste mundo e, no futuro, sua herança será o fogo eterno, na companhia de Satanás. (*Suda*, L683, trad. Jacyntho Brandão).

Como se assumisse uma atitude rebelde perante as verdades e os valores mais caros à tradição, o autor é acusado de se valer de expedientes que seus adversários consideram “não sérios”, “retóricos” e “infames” para colocar abaixo as categorias fundamentais do pensamento tradicional, sem propor absolutamente nada no lugar. É claro que uma diferença religiosa entra como um elemento importante nos juízos delineados acima, mas algo dessa mesma atitude parece ter estado presente desde a primeira recepção de Luciano por seus contemporâneos. Como já deve estar claro, discordo veementemente dessas leituras e acredito que o autor tenha defendido um conjunto de valores encarnados num *bíos* muito bem delineado. Se é certo que a acusação de certo niilismo demolidor pesa sobre a forma como seu projeto de escrita foi recebido por parte considerável de seus leitores ao longo da história, creio ser possível resgatar a dimensão positiva de suas propostas não apenas sua própria época, mas também para o presente.

É nesse sentido que tenho proposto novas traduções de obras suas para o português contemporâneo. Já falei disso anteriormente, quando traduzi e publiquei XXXXX, texto cuja leitura é pressuposta para a compreensão do que se encontra em jogo aqui, com *Anabioûntes è Halieús*, texto conhecido em português como *Ressuscitados ou o Pescador*. Em termos narrativos, esses dois diálogos compõem uma espécie de sequência e tematizam o lugar do escritor crítico de seu tempo – isto é, Luciano no século II d.C. e, ao mesmo tempo, quem quer que se identifique e busque se aproximar dessa tradição luciânica à qual aludi acima.

Acredito valer a pena retomar alguns esclarecimentos propostos por ocasião da publicação dessa primeira tradução de XXXXX, porque dou continuidade a algumas de suas

ideias e redireciono outras. Do ponto de vista formal, continuo privilegiando o caráter satírico do texto, evidenciando os aspectos cômicos de sua construção e optando por um registro de linguagem relaxado, capaz de tornar tais aspectos mais claros do que seria possível com um modelo ortodoxo de tradução acadêmica.³ Não mantive a mesma intensidade no uso exagerado de anglicismos para ridicularizar um dos efeitos da globalização sobre o português brasileiro – efeito especialmente perceptível em áreas onde certo verniz intelectual importado dos EUA tende a contar muito –, pois a própria cena onde a ação desse segundo diálogo transcorre não é a mesma e não mais se presta a esse tipo de crítica: se no diálogo anterior havia uma crítica direta à impostura dos filósofos comercializados na “vendinha de *lifestyles*”, na sequência da ação, há tanto um depoimento explícito de admiração pela verdadeira filosofia quanto uma declaração de guerra ao charlatanismo. Nesse sentido, julguei interessante adotar uma dicção próxima daquela que poderiam ser tais manifestações na língua empregada no Brasil de hoje.

Minha proposta privilegiou, portanto, um registro de linguagem mais relaxado e próximo do coloquial. Nesse sentido, pode ser que eu tenha “traído” a dicção aticista de Luciano – autor reconhecido por uma pureza de estilo bem afinada às preocupações da Segunda Sofística –, mas busco principalmente recriar para o leitor contemporâneo o efeito cômico desse diálogo. Ao mesmo tempo, esforço-me por não descurar do lugar crítico que um texto literário publicado no Brasil de 2021 ainda pode cumprir. Unindo sua verve satírica a uma prática refletida da língua brasileira, tenciono oferecer uma obra significativa para o tempo presente: falsos filósofos, falsos messias, *fake news* e outras falsificações estão continuamente na mira desta tradução.

À luz de minhas reflexões anteriores sobre um *bíos* de tradutor a partir das obras de Luciano, gostaria de acreditar que o trabalho de tradução ora proposto se desenvolve sob o signo daquilo que ele escreve sobre a pessoa educada, isto é, o intelectual – seja ele historiador, filósofo, orador, poeta, prosador ou, seria possível acrescentar, tradutor –, ao descrevê-lo como alguém:

sem medo, incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade; como diz o poeta cômico, alguém que chame os figos de figos e a gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos a ponto de não dar a um mais que o devido; estrangeiro nos livros e apátrida, autônomo, sem rei, não se preocupando com o que achará

³ Para quem se interessa por esse tipo de proposta, já existe a excelente tradução de Custódio Magueijo, muito precisa em termos filológicos e facilmente acessível pela internet (LUCIANO, 2013).

este ou aquele, mas dizendo o que se passou. (LUCIANO, *Como se deve escrever a história* 41, trad. Jacyntho Brandão).

Em vista de tudo o que foi dito, proponho traduzir aqui o texto *Anabioûntes è Halieús*, em diálogo com minha proposta anterior, por *Back-to-Life Boys* ou *O Pescador*.⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- BOMPAIRE, Jacques. *Lucien Écrivain: Imitation et création*. Paris: Bocard, 1958.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A Poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BRANHAM, Relihan. *Unruly eloquence: Lucian and the comedy of traditions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CARDOSO, Igor Barbosa. “Ó César!”: poder, ficcionalidade e narrativa na pós-Antiguidade. 2015. 205f. Dissertação – História. Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. 2015.
- JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- LUCIAN. *Lucian in Eight Volumes: III*. With an English translation by A. M. Harmon. London/ Cambridge: William Heineman/ Harvard University Press, 1960.
- LUCIANO. *Biografia literária*. Organização Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015
- LUCIANO. *Como se deve escrever a história*. Texto, tradução, notas, apêndices e o ensaio “Luciano e a história” por Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.
- LUCIANO. *Luciano. IV*. Tradução do grego, introdução e notas Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

⁴ O texto grego de base da tradução foi estabelecido por A. M. Harmon, na edição da Loeb.

BACK-TO-LIFE BOYS OU O PESCADOR

Luciano de Samósata

[1] SÓCRATES: Acerta! Acerta o imundo com um monte de pedrada! Super-acerta com cascalho! Mega-super-acerta também com pedrinhas e caquinhos de vaso! Dá com pau nesse bandido! E de olho pra ele não escapulir! Ei, Platão, acerta você também! E você, Crisipo, você também e todo mundo junto! Formação de combate em volta dele,

que a bolsa à bolsa ajude e o cajado aos cajados,⁵

pois é um inimigo comum e não há ninguém entre nós que não tenha sido desrespeitado. E você, Diógenes, se já fez isso antes, faz de novo: dá com pau! Que ninguém afrouxe! Ele tem que pagar o devido já que é um linguarudo. – Mas o que é isso?! Vocês já cansaram, Epicuro e Aristipo? Ainda não tá na hora disso...

Sede varões, ó sábios, mostrai força intensa!⁶

[2] Aristóteles, apressa o passo! Mais ainda...! Assim tá bom... Aí! Capturamos a fera... Já te pegamos, seu sujo! Daqui a pouco você vai aprender de uma vez por todas no calo de quem você pisou quando sacaneou a gente. Mas de que modo vamos dar um jeito nele? A gente tem que inventar uma morte bem rebuscada – uma pra satisfazer todo mundo! É justo ele morrer pelo menos umas sete vezes pra cada um de nós.

ALGUM FILÓSOFO: Eu sou da opinião que ele devia ser crucificado.⁷

OUTRO FILÓSOFO: Sim, por Zeus, mas chicoteado antes!

OUTRO FILÓSOFO: Mas, ainda antes, que os olhos sejam arrancados fora!

OUTRO FILÓSOFO: A língua também! Antes de antes disso tudo..., que ela seja bem picotada.

SÓCRATES: O que você acha, Empédocles?

EMPÉDOCLES: Ele devia ser jogado dentro de um vulcão,⁸ pra aprender a não sacanear com os maiores.

PLATÃO: O melhor jeito de dar cabo dele seria se ele acabasse estraçalhado penhasco afora, como um Penteu ou um Orfeu. Assim cada um ia embora com um pedacinho...

[3] PAPO-RETO: Não!!! Pelo Senhor-dos-suplicantes,⁹ me poupe!

⁵ Citação modificada de *Il.* 2, 363: ὡς φρήτρη φρήτρηφιν ἀρήγη, φύλα δὲ φύλοις [Que a tribo à tribo ajude e a família à família] – Bolsa e cajado são itens típicos do cínico.

⁶ Citação modificada de *Il.* 6, 112: ἀνέρες ἔστε φίλοι, μνήσασθε δὲ θούριδος ἀλκῆς [Sede varões, amigos, mostrai força intensa!].

⁷ O verbo empregado aqui pode significar também “empalar”.

⁸ Conforme a tradição, Empédocles de Agrigento teria se suicidado lançando-se numa das crateras do Etna.

⁹ *Hikésios*, uma das epicleses de Zeus.

PLATÃO: Já tá decidido! Não tem mais jeito de se safar. É como Homero diz:

Não há juras de paz fiéis entre homem e leão.¹⁰

PAPO-RETO: Eu vou suplicar a vocês por Homero também! Quem sabe vocês não curtem os versos e nem liguem por eu dar uma de rapsodo:

Poupei um homem não de todo mau! Tomai
resgate de ouro e bronze, caro até aos sábios!¹¹

PLATÃO: Mas a gente não vai ter problema nenhum pra se sair dessa com uma resposta homérica. Escuta só:

Não metas em teu íntimo a fuga, ó maldito,
Falando de ouro, já que estás em nossas mãos.¹²

PAPO-RETO: Macacos me mordam! Mesmo Homero foi inútil pra mim, ele que era a maior esperança. Com Eurípides talvez dê pra eu me safar. Quem sabe ele não me salva?

Não mate! Não é justo matar quem suplica!¹³

PLATÃO: E daí? Por acaso isto aqui também não é de Eurípides?

Não é mal sofrer quem age mal.¹⁴

PAPO-RETO: Agora então por causa de palavras matai-me?¹⁵

PLATÃO: Sim, por Zeus! Pois aquele mesmo é quem diz:

Ao língua-solta,
à insensatez do sem-lei,
o fim é a má fortuna.¹⁶

[4] PAPO-RETO: Já que você parece mesmo a fim de me matar e que eu não tenho jeito nenhum pra fugir, se dê pelo menos ao trabalho de me contar isto: quem é você? Que é que você sofreu de tão imperdoável pra ficar puto a tal ponto e querer dar cabo de mim?

PLATÃO: Que ruindades você aprontou com a gente, pergunte pra você mesmo, seu safado! E aqueles seus belos discursos? Você difamou a própria filosofia em praça pública e avacalhou com a gente, como se num leilão público de homens sábios – e ainda por cima – homens livres!¹⁷

¹⁰ Citação de *Ilíada* 22, 262: ὥς οὐκ ἔστι λέουσι καὶ ἀνδράσιν ὄρκια πιστά – Trata-se da réplica de Aquiles a uma proposta de Heitor.

¹¹ Citação de fórmulas homéricas típicas de súplica. Cf. *Ilíada* 10, 378-80; 1, 23; 6, 46-49; etc.

¹² Citação modificada da *Ilíada* 10, 447-8: μὴ δὴ μοι φύξιν γε Δόλων ἐμβάλλεο θυμῷ, / ἐσθλά περ ἀγγείλας, ἐπεὶ ἴκεο χεῖρας ἐς ἀμάς. [Não metas no teu íntimo a fuga de mim, ó Dólon, ainda que tenham valor as tuas informações, estás em nossas mãos]. – Trata-se de uma fala de Diomedes a Dólon.

¹³ Essa passagem é fonte para o fr. 937 (Nauck, p. 663).

¹⁴ Citação de EURÍPIDES, *Orestes* 413: οὐ δεινὰ πάσχειν δεινὰ τοὺς εἰργασμένους.

¹⁵ Essa passagem é fonte para o fr. 938 (Nauck, p. 663).

¹⁶ Citação de EURÍPIDES, *Bacantes* 387-9: ἀχαλίνων στομάτων/ ἀνόμου τ' ἀφροσύνας/ τὸ τέλος δυστυχία.

¹⁷ Nesse ponto surge a ligação direta com o diálogo precedente, *Vendinha de lifestyles* – o *Pescador* sugere a reação dos meios filosóficos que se sentiram atingidos pela sátira de Luciano.

Por causa disso a gente ficou puto e resolveu subir aqui contra você... Requisitamos a Hedoneu um minutinho: Crisipo, que tá aqui, Epicuro e eu, Platão, e aquele ali, Aristóteles, e este caladão, Pitágoras, e Diógenes e todos os que você detonou com seu papo.

[5] PAPO-RETO: Ufa! Que alívio! Vocês não vão me matar nada, se souberem o que foi que arrumei com relação a vocês. É melhor vocês jogarem fora essas pedras..., ou melhor, guardem elas. Vocês vão ter uma utilidade pra isso com quem é digno delas.

PLATÃO: Quanto lero lero! A gente precisa dar cabo de você é hoje, pois já
em túnica de pedra és posto por teus malfeitos.¹⁸

PAPO-RETO: Mas, excelentes senhores, seria bom se vocês elogiassem o único que de todo mundo é um verdadeiro chegado de vocês, que tem cabeça boa, tá na mesma sintonia – e se não for inconveniente falar assim – que é o encarregado dos negócios... É bom vocês saberem que vão matar, se me matarem mesmo, alguém que ralou muito por vocês. Fiquem de olho pra não fazer que nem muitos dos filósofos de hoje em dia: pessoal mal-agradecido, nervosinho e esquecido de alguém que só fez coisa boa.

PLATÃO: Ô sem-vergonhice! A gente deve ficar agradecido é por você difamar a gente? Você acha de verdade que é com escravos que você tá conversando? Ou você conta como “coisa boa” essa quantidade de sacanagem que essa sua boca suja arrumou pra cima da gente?

[6] PAPO-RETO: E quando é que eu sacaneei vocês? Logo eu que sempre segui curtindo a filosofia e até falava bem de vocês e sempre tinha à mão muitas mensagens que vocês deixaram, hein? Pelo menos essas mesmas coisas que tô falando, de que outro lugar foi que peguei, se não com vocês mesmos? Como a abelhinha, que vai de flor em flor, faço meu show entre os homens. Eles curtem e reconhecem cada tipo de flor – de onde, com quem e como foi que vim a colher. E se alguém manda o papo que admira o meu buquê, na verdade, é vocês e o jardim de vocês que floresceram um material tão variado e múltiplo... Mas isso só pra quem sabe escolher, trançar e combinar, sem fazer umas flores destoarem das outras. E seria possível que alguém que se deu tão bem com vocês se metesse a falar mal de uma galera tão gente-bona? Da galera que passou a manha de como se tornar alguém na vida? Só se ele fosse tipo um Tâmiris ou um Êuritos, pra propor um desafio pras Musas – de quem sacou a própria batida do verso – ou pra enfrentar Apolo no tiro-ao-alvo com arco – sendo que Apolo mesmo é que passou as finas da boa mira.¹⁹

¹⁸ Citação da *Ilíada* 3, 57 – trata-se de uma fala em que Heitor se dirige a Páris.

¹⁹ Tâmiris, músico trácio mítico, que passa por inventor do modo dórico, cegado pelas Musas como punição por seu desafio, cf. *Ilíada* 3, 595 sqq. Tinha relações com Êuritos, rei da Ecália, arqueiro renomado, pai de Ioleu (cativo de Hércules), cf. SÓFOCLES, *Traquínias* 260 sqq. Ele foi assassinado por Apolo (*Odisseia* 8, 244 sqq.) ou, segundo uma outra tradição, por Hércules. Seu arco passou a Odisseu, que o utilizou no massacre dos pretendentes.

[7] PLATÃO: Taí um lengalenga, meu rei, de quem é bom de gogó. Mas é justamente o contrário dessa parada toda e isso mostra bem que você é um atrevido, já que além da sacanagem ainda mostra essa ingratidão toda. Você tá dizendo que arrumou munição com a gente e tal, mas a verdade é que, como acabou atirando na gente mesmo, só pode ter colocado uma coisa na cabeça: avacalhar com todo mundo na praça pública. É isso que a gente recebeu de você por te abrir um jardim e não ter te impedido de colher o que quisesse antes de dar no pé com os braços cheios. Só por isso você já merecia morrer...

[8] PAPO-RETO: Olha só... Vocês tão ouvindo tudo de cabeça quente e é por isso que não admitem nenhuma desculpa. E, justamente, eu não pensei que Platão, ou Crisipo, ou Aristóteles, ou qualquer um dos outros, podia ficar de cabeça quente assim, mas, ao contrário, que vocês – só vocês – estavam longe de ter uma coisa dessas. De todo jeito, não é possível vocês darem cabo de mim, ó vossa magnificência, sem um julgamento e antes de passarem uma sentença.²⁰ Pelo menos, a parada era assim no tempo de vocês: governar sem violência e não pela lei do mais forte, mas resolver com justiça as disputas, dando e recebendo de cada parte a razão. Depois de escolherem um juiz, me coloquem como acusado de vocês e me acusem todos juntos – ou escolhendo um só de todo mundo – pois eu vou me defender por conta própria contra as acusações. Se na sequência eu parecer culpado de alguma coisa e o tribunal julgar isso de mim, vou me submeter direto à pena e vocês não vão ter cometido nenhuma violência. Mas se eu aguentar firme esse processo e for considerado puro e inocente, os juízes me liberam. E, vocês, voltam a raiva contra os que jogaram um papo furado pra vocês, fazendo vocês se voltarem contra mim.

[9] PLATÃO: Taí! Você quer “rédea solta”²¹ pra enganar os juízes e dar o fora, né? Pelo que dizem você é bom de papo, tipo político, e opera verdadeiros milagres só no gogó. Além disso, quem é que a gente vai arrumar pra ser juiz, se tem que ser alguém que não dá pra você subornar – como gente da sua laia sempre faz – e que não te favorece?

PAPO-RETO: Pode ficar de boa... Não vou considerar justo ter um juiz desse tipo – suspeito ou duvidoso –, um que venderia o voto. Pois, olha só, eu vou fazer um júri com a Filosofia em pessoa, além de vocês mesmos.

PLATÃO: E quem vai te acusar, se a gente é que vai te julgar?

PAPO-RETO: Vocês mesmos vão acusar e julgar... E eu não tenho nem um pinga de medo por isso! Confio demais em meus direitos e nos meios pra me defender.

²⁰ Sobre o processo justo, cf. LUCIANO, *Hermótimo* 30.

²¹ Expressão proverbial que significa “dar toda liberdade”. Cf. PLATÃO, *Teeteto* 183 d (“os cavaleiros”); cf. LUCIANO, *Domo* 10; *Pseudologista* 8.

[10] PLATÃO: O que é que a gente vai fazer, Pitágoras e Sócrates? Parece razoável julgar este homem num processo legal.

SÓCRATES: Não tem mais nada a fazer se não seguir até o tribunal, acompanhando a Filosofia, e ouvir o que ele vai falar em autodefesa... Pois a gente nunca pré-julga, mas isso é coisa terrivelmente peculiar a certos homens de cabeça quente que fazem justiça com as próprias mãos. Assim a gente daria pretexto pra quem quer nos difamar, se a gente apedrejasse um homem sem dar o direito de apresentar sua própria defesa – logo a gente que diz respeitar as coisas da justiça. E o que a gente poderia dizer de Ânito e Meleto, meus acusadores, ou dos jurados de então, se este morrer sem ter recebido o tempo mínimo do contraditório?

PLATÃO: Ótimo conselho, Sócrates. Vamo atrás da Filosofia! Se ela fizer parte do júri, a gente fica de boa com o que ela decidir.

[11] PAPO-RETO: Beleza, cabeções, é melhor desse jeito e mais nos conformes da justiça. Mas guardem com vocês as pedras, como eu já falei: pois mais tarde elas vão ser bem úteis no tribunal. Mas onde é que a gente encontraria a Filosofia? Pois eu não sei onde ela mora, mesmo se já rodei muito tempo caçando a casa dela pra tentar colar com ela. De vez em quando eu encontrava uma galera que andava com uns mantinhos, além de uns barbões, e dizia ter vindo da casa dela, daí eu pensava que esse pessoal sabia das coisas e então começava a fazer umas perguntas. Mas eles eram muito mais desinformados do que eu e, das duas, uma: ou eles não respondiam porcaria nenhuma, pra não mostrar que não sabiam, ou ficavam me indicando um monte de porta, uma depois da outra. E até hoje nunca consegui encontrar a tal da casa.

[12] Várias vezes, seguindo a minha intuição ou por orientação de alguém, eu chegava na frente de uma porta, com certeza de ter finalmente encontrado, pelo menos a julgar pela galera que entrava e saía de lá: todos de cara fechada, bem vestidos e parecendo pensativos. Me enfiando no meio desse pessoal lá ia eu também. Depois via uma mulherzinha que era tudo menos santa, ainda que ela tentasse ao máximo ajeitar as coisas de um jeito simples e pouco artificial. Ainda assim, me parecia que o jeito desarrumado do cabelo e o estilo descolado do manto não era por descuido, mas de caso pensado. Era óbvio que ela se arrumava daquele jeito para eles e usava um estilo relaxado por questão de aparência. Dava pra ver mesmo um pouco do pó de arroz e do *rouge* da maquiagem. Isso sem falar do palavreado – de *femme fatale* –, além de curtir aquela cambada de fãs babando na beleza dela. E quando alguém oferecia alguma coisa, agarrava o negócio de cara, e, quando se sentava com um pessoal endinheirado, já não tinha nem as caras de olhar pros admiradores mais pobres. Várias vezes, quando alguma parte da roupa dela caía “sem querer”, eu via uns colares de ouro mais grossos do que coleira de cachorro. Assim que

eu sacava isso, era “meia volta – volver!” direto, mesmo ficando com dó daqueles pobres-diabos que eram arrastados até ela, não pelo nariz, mas pelas barbas – e que, como Íxion, acompanhavam um fantasma em vez de Hera.²²

[13] PLATÃO: Falou e disse: pois realmente não é todo mundo que tá ligado na tal porta. Só que hoje a gente não precisa bater canela até a casa dela não... Vamo esperar aqui mesmo no Cerâmico. Ela já-já tá vindo de volta da Academia pra dar um rolê no Pecilo também. O hábito dela no dia-a-dia é exatamente esse... Opa! É ela que tá vindo pra cá. Olha que jeito, que boa forma! E que olhar mais doce, caminhando mergulhada em pensamentos profundos...

PAPO-RETO: Eu tô sempre vendo uma pá de outras iguais na forma, no gingado e na roupa... Mas só uma, no meio dessa cambada, é que pode ser a verdadeira Filosofia.

PLATÃO: Falou e disse: mas ela vai mostrar que é ela mesma só de abrir a boca.

[14] FILOSOFIA: Epa! O que Platão e Crisipo estão fazendo cá em cima? E Aristóteles e cia. Ltda.? E todos os mais entendidos nos meus ensinamentos? Por que de novo à vida? Ara... Alguma coisa encheu vocês lá embaixo?, vocês tão com cara de putos... E quem é este que vocês tão levando algemado? É algum ladrão, assassino ou ateu?

PLATÃO: Por Zeus, Filosofia, dentre todos os ateus é o mais sem-vergonha, pois deu pra fofocar em praça pública de você – logo de você, a mais sagrada – e de todos nós, que só por termos estudado com você pudemos deixar alguma coisa pra quem veio depois de nós.

FILOSOFIA: Então vocês ‘tão bravos só porque alguém meteu a língua na gente, mesmo sabendo de tudo aquilo que eu mesma ouvi da Comédia, durante as Dionísias? Eu fiquei de boa e não processei nada, nem fui dar sermão em ninguém, mas me animei a zoar como a galera tem o hábito de fazer na festa. Pois sei que uma zoeira assim não tem problema nenhum... Pelo contrário, aquilo que é bom, que nem ouro, depois de esfregar um pouquinho brilha mais e dá ainda mais na vista. Mas vocês, sei lá como, ficaram putos e irritados... Por que é que vocês tão esganando ele?

PLATÃO: Conseguimos um atestado de um dia pra vim aqui fazer ele pagar pelo que fez. Pois a fofoca chegou até nós sobre tudo o que ele dizia pro povão contra a gente.

[15] FILOSOFIA: Eita! E vocês vão matar ele sem processo nem defesa? Mesmo sendo óbvio evidente que ele tá querendo falar alguma coisa?

PLATÃO: Não, mas nós jogamos tudo pra cima de você... O fim do processo vai ser do jeito que te parecer melhor.

²² O Lápita Íxion, apaixonado por Hera abraçou apenas o seu fantasma, criado à imagem da deusa por Zeus. Para puni-lo, o deus condenou-o por toda a eternidade ao suplício da roda. A expressão proverbial “conduzir pelo nariz [ἔλκειν τῆς ῥινός]” é frequente em Luciano, cf. LUCIANO, *Hermótimo* 68, 73.

FILOSOFIA: E o que é que você manda?

PAPO-RETO: Isso mesmo, Madame Filosofia, que só mesmo a senhora seria capaz de sacar a verdade. Pois só debaixo de muita insistência é que consegui te colocar como responsável desse processo.

PLATÃO: Ah, seu maldito! É só agora que você chama ela de madame, né? Anteontem mesmo você tava mostrando ela como a coisa mais sem valor e, pra um público deste tamanho, ficava recitando aos poucos cada um dos seus discursos de dois centavos!

FILOSOFIA: Abram o olho... Pode ser que não tenha sido a Filosofia, mas uns patifes fazendo muita safadeza em nosso nome que ele sacaneou.

PAPO-RETO: Você vai sacar rapidinho... É só ficar de boa pra escutar a minha defesa.

FILOSOFIA: Vam'bora pro Areópago, ou melhor, pra Acrópole mesmo... Daquele mirante dá pra ver tudo que tem na cidade. [16] E vocês, minhas amigas, vocês podem passear no Pecilo enquanto isso. Eu encontro vocês assim que tiver resolvido o processo.

PAPO-RETO: Quem são essas aí, Filosofia? Elas também me parecem bem ajeitadas.

FILOSOFIA: Esta aqui, viril, é a Virtude. Aquela, a Moderação, e perto dela ali, a Justiça. A guia é a Cultura e aquela lá, meio desbotada, de uma cor difícil de ver, é a Verdade.

PAPO-RETO: Eu mesmo não tô vendo de quem você tá falando...

FILOSOFIA: Você não tá vendo aquela ali sem roupa? Pelada e sempre fujona, além de bem escorregadia?

PAPO-RETO: Não é mole não, mas agora eu vi! E por que você não leva elas também, pra completar com uma quantidade boa o júri? Pelo menos a Verdade eu quero fazer de advogada no processo.

FILOSOFIA: Por Zeus, me acompanhem vocês também! Não é lá muito pesado julgar um processo só e isso vai ser do nosso interesse...

[17] VERDADE: Ah, vão vocês... Eu não preciso escutar as coisas que já sei há muito tempo.

FILOSOFIA: Mas, Verdade, seria bom você participar do processo e passar umas finas pra gente...

VERDADE: Então vou levar também essas duas secretárias que são bem esforçadas comigo.

FILOSOFIA: De boa... Todas que você quiser.

VERDADE: Venham, Liberdade e Retidão, e que com vocês a gente consiga dar uma moral pra esse coitado desse homenzinho que curte a gente e tá nesse perigo todo sem razão nenhuma. E você, Argumento, fica aí mesmo! Parado!

PAPO-RETO: Que é isso, Madame? De modo algum! É bom que ele venha também, mais que qualquer outro. Eu vou ter que cair na porrada com uns bichos pouco comuns – uns vândalos difíceis de convencer, que sempre dão um jeito de escapular. Assim, a gente não pode abrir mão do Argumento...

ARGUMENTO: Não dá pra abrir mão de jeito nenhum! E melhor ainda seria levar junto a Demonstração.

VERDADE: Vem todo mundo! Vocês parecem tudo imprescindíveis ao processo.

[18] PLATÃO: Você sacou? Pô, Filosofia, ele tá fechando com a Verdade contra a gente.

FILOSOFIA: Eita, e por acaso vocês tão com medo dela contar alguma mentira em defesa dele, hein, Platão, Crisipo e Aristóteles? Logo ela que é a Verdade?

PLATÃO: Isto não! Mas ele é um safado e um puxador-de-saco foda. É bem capaz que ele passe a lábia nela.

FILOSOFIA: Fica de boa! Não tem jeito de rolar algo injusto enquanto a Justiça estiver por perto. Então, vam'bora! [19] Mas me diz aqui, qual o seu nome?

PAPO-RETO: O meu? Papo-Reto, filho de Veríssimo, neto de Convincente.

FILOSOFIA: Nacionalidade?

PAPO-RETO: Sou sírio, Filosofia, das bandas do Eufrates. Mas e daí? Pois eu tô ligado que alguns inimigos meus não são menos estrangeiros que eu de nascença. Mas o jeito e a formação não têm a ver com o lugar – seja Soles, Chipre, Babilônia ou Estagira. De todo jeito, ninguém seria pior só porque tem sotaque de gringo... O importante é mostrar que tem cabeça boa e ajustada.

[20] FILOSOFIA: Falou e disse, mas eu só perguntei por perguntar. E qual é o seu trampo? Pois isto sim com certeza vale a pena saber.

PAPO-RETO: Eu sou malandrófobo, trambiqueirófobo, mentirófobo e playbóyfobo, além de ter fobia de tudo quanto é tipo de gente sem-vergonha. E essa galera é enorme, você sabe, né?

FILOSOFIA: Meu santo Hércules! Esse seu trampo é cheio de polifobia...

PAPO-RETO: Falou e disse... Pelo menos você tá vendo com quanta gente eu saio mal na fita e a que ponto eu boto o meu na reta por causa desse trampo. Mas também manjo pra caramba do contrário dele... Tô falando do trampo que tem por princípio tudo quanto é “filo”: filo-verdade, filo-beleza e filo-simplicidade, além de ter filia por tudo o que nasceu pra ser amado. Mas muito pouca gente é digna dessa parte do meu trampo, enquanto os que são feitos pra parte contrária e pro ódio são pra mais de milhão. Periga que eu já até esqueci de uma delas por falta de prática e me tornei um especialista na outra por excesso.

FILOSOFIA: Mas não devia: pois dizem que a mesma pessoa deve dar conta de um e de outro. Não separe os dois tramos, pois eles são um só, mesmo se parecem dois.

PAPO-RETO: Você sabe disso melhor do que eu, Filosofia. Mas é a minha cara tanto odiar os safados quanto elogiar e amar as pessoas de bem.

[21] FILOSOFIA: Chega mais... Já chegamos onde era preciso. A gente deve julgar ali, na antessala do templo da padroeira da cidade. – Sacerdotisa, arranja os bancos pra nós... Enquanto isso a gente faz uma homenagem à deusa.

PAPO-RETO: Ô padroeira da cidade, me ajuda na luta contra os impostores, lembra de tudo o que você escuta deles jurando em falso a cada dia. O que eles fazem, só você vê morando aqui no alto desse observatório. Agora é a hora de afastar esse povo de mim. Mas se você me ver perdendo por ter mais votos numerosos contra do que a favor, junta seu voto e me salva...

[22] FILOSOFIA: Amém! Nós já estamos sentados aqui prontos pra escutar seus discursos... Vocês aí, escolham alguém da galera que pareça bom em atacar, juntem as queixas e rebatam os argumentos: afinal, não dá pra todo mundo falar ao mesmo tempo. E você, Papo-Reto, depois você faz sua defesa.

PLATÃO: Quem da galera é o mais indicado pro processo?

CRISIPO: Você mesmo, Platão. O admirável pensamento elevado, o sotaque ático chiquérismo, o charme tão convincente, além da compreensão, da precisão, do *timing* das demonstrações, tudo isso você tem de montão. Assim sendo, aceita representar a gente e fala por nós o que for preciso. Lembra agora também de todos aqueles vagabundos e concentra nesse mesmo ponto o que disse contra Górgias, Polo, Pródico e Hípias, pois este vagabundo aí é ainda mais foda que eles. Esbanja também sua ironia e dispara aquelas perguntas ajeitadas e intermináveis... E se te parecer uma boa ideia, arremata com alguma coisa assim: “O grande Zeus no céu conduzindo o carro alado”²³ ficaria puto se este homem não pagasse com justiça.

[23] PLATÃO: De jeito nenhum!, mas a gente tem que eleger alguém mais duro: o Diógenes aqui, o Antístenes ou o Crates, ou mesmo você, Crisipo. Pois neste momento não é hora de coisas bonitas e de uma escrita admirável, mas sim de uma boa preparação pro quiproquó e pro toma-lá-dá-cá judicial. A verdade é que este Papo-Reto é bom de gogó.

DIÓGENES: Então eu fico por conta de atacá-lo! E nem acho que vou precisar de falar muito. Além disso, me sacanearam mais que todo mundo, pois fui eu que acabei vendido por dois centavos outro dia.

²³ Cf. PLATÃO, *Fedro* 246e, além de LUCIANO, *Dupla acusação* 33.

PLATÃO: Ô Filosofia, vai ser Diógenes que vai falar em nome de todo mundo. Mas lembra, meu rei, de não privilegiar só o seu caso na acusação, certo? Você tem que olhar pelo interesse de todo mundo... Se tem alguma diferença nas nossas doutrinas, não leva isso em conta, nem diz agora qual é a mais verdadeira. Resumindo: concentra a sua raiva só no fato da Filosofia ter sido zoada e difamada pelo Papo-Reto, mas deixa de lado a questão dos *approachs* – que a gente não concorda – e luta pelo que a gente tem em comum. Abre o olho! A gente tá apostando as nossas fichas em você e agora é de você que depende todas as nossas coisas... Ou elas vão parecer as maiores ou o pessoal vai acreditar que elas são do jeito que ele mostrou.

[24] DIÓGENES: Deixa comigo! Não vamos amarelar... Eu vou falar em nome da galera toda. E se a Filosofia for dobrada pelas palavras dele – afinal, ela é naturalmente tão *cult* e tão *chic* – e for capaz de perdoar, eu não vou deixar barato: vou mostrar a ele que não é à toa que carregamos um pau.

FILOSOFIA: Isso de jeito nenhum!, mas vamos ficar na conversa civilizada, que é melhor do que cair no pau. Mas não vacila não! O tempo já tá correndo e o tribunal todo tá de olho em você.

PAPO-RETO: Que todo mundo arrume uma cadeira, ô Filosofia, pra votar com vocês aí... E que o Diógenes faça a acusação por conta própria.

FILOSOFIA: Você não tem medo deles também votarem contra você?

PAPO-RETO: De jeito nenhum... É contra a maioria mesmo que eu quero vencer.

FILOSOFIA: Muito nobre da sua parte... Sentem-se então. E você, Diógenes, manda ver.

[25] DIÓGENES: Que tipo de homens a gente foi em vida, ô Filosofia, você tá cansada de saber e não é preciso falar mais nada. Isto pra não falar nada de mim, quem é que não conhece todas as coisas boas que Pitágoras ali, Platão, Aristóteles, Crisipo e os outros providenciaram para a nossa vida? Apesar do que nós somos, este porcão avacalhou com a gente. Ele até era bom de gogó, como dizem por aí, mas, abandonando as coisas da Justiça e a fama delas, reuniu em discursos sua habilidade e seu apogeu – mobilizando tudo isso contra a gente. E não parou mais de sacanear – chamando a gente de trambiqueiro e enganador –, convencendo o povão a rir de nós e a tirar onda como se a gente não fosse porcaria nenhuma. E mais, ele fez a gente ser odiado pela maioria – a gente e você também, Filosofia – chamando de blablablá e lero-lero as suas coisas e expondo com muita palhaçada as coisas mais sérias que você ensinou... É assim que ele faz pra ser aplaudido e elogiado pelo auditório, enquanto avacalha com a gente. Pois isto é típico do povão: eles curtem os desbocados e atrevidos, e principalmente quando as coisas mais dignas de respeito parecem ser esculhambadas, que nem antigamente quando não tavam

nem aí e até curtiam que Aristófanes e Êupolis botassem o nosso Sócrates aqui, só por zoeira, em cima dum palco e fizessem piadas estranhas com ele. Mas eles pelo menos só tinham a cara-de-pau pra zoar com um único de nós a cada vez e isso durante as Dionísias – já que tava liberado –, pois a piada fazia parte da festa e o deus talvez até se alegrasse com isso – ele que é um fanfarrão.

[26] Mas este aí, juntando só gente boa, depois de ter planejado e se preparado por uma cara, escreveu um monte de sem-vergonhice num livro grosso e em voz alta sacaneou em praça pública Platão, Pitágoras, Aristóteles aqui e Crisipo, além de mim mesmo... Pra resumir: todo mundo. E isso sem nem uma festinha pra servir de álibi, nem podendo reclamar de ter sofrido alguma coisa de nossa parte, pois até daria pra entender o lado dele se tivesse se defendendo e não tivesse começado tudo ele mesmo. Mas o mais foda é que, fazendo isso, ele usa seu nome, ô Filosofia, além de ter desencaminhado nosso parente, o Diálogo, que ele usa contra nós como aliado e ator num tanto de farsa. Ainda por cima, ele convenceu nosso companheiro Menipo a se juntar à zoeira com frequência e agora ele é o único de nós que não está presente, nem faz parte da nossa acusação, já que traiu a causa comum.

[27] Diante de todos esses fatos, é digno que ele seja submetido à Justiça. Pois o que ele podia dizer depois ter esculhambado as coisas mais respeitáveis diante de tantas testemunhas? Taí o que seria bom pra este pessoal! Se eles vissem o culpado sendo castigado, nunca mais outra pessoa ia desprezar a Filosofia. Com certeza ficar de boa e segurar a onda do sacana não seria coisa de gente moderada, mas digna da mais alta covardia e falta de noção. E quem é que toleraria as últimas que ele aprontou? Ele levou a gente como escravo pra uma lojinha e, depois de botar alguém pra anunciar nossos preços, dizem que vendia uns por uma grana alta, outros por uma mixaria, chegando ao ponto – este maldito canalha! – de me vender por dois centavos! E a galera presente rachava de rir... Diante desses fatos, nós subimos até aqui e, putos da vida, te pedimos um castigo pra ele por ter sacaneado a gente no pior nível.

[28] PLATÃO: Mandou bem, Diógenes! Falou em nome de toda a galera tudo o que precisava ser colocado...

FILOSOFIA: Menos, gente! Menos... Chega de aplausos... – O tempo pra defesa vai começar... Você já pode falar, Papo-Reto: tá na sua vez e o tempo já tá correndo. Não dá bobeira...

[29] PAPO-RETO: Não tá inteira – ô Filosofia – a acusação de Diógenes contra mim, mas a maior parte do que tem de pior, não sei por que, ele deixou de fazer. Mas eu mesmo, longe de negar o que falei ou de trazer uma defesa pré-moldada, acredito ser bom acrescentar as coisas que ele deixou em silêncio ou que eu mesmo não cheguei a mencionar antes... Assim, você

poderá sacar os tipos que eu vendi e sacaneei em praça pública, chamando de malandro e trambiqueiro. Mas apenas vigiem pra ver se eu vou falar a verdade sobre eles. E se o que eu disser parecer um pouco vulgar ou agressivo, seria mais justo acusar não eu – que apenas tô fazendo a exposição –, mas eles, por fazer esse tipo de coisa. Assim que eu me dei conta de tudo aquilo que um político tem que fazer de desagradável – trapaça, mentira, atrevimento, gritaria, empurra-empurra e mais um monte de coisa –, acabei saindo fora disso tudo, como era de esperar... E caí pro lado das suas paradas boas, Filosofia, pensando assim: no que me sobrava de vida, eu devia viver debaixo do seu teto – que nem um navio saindo duma tempestade e entrando num porto seguro.

[30] Assim que apenas tinha dado uma olhada nas coisas de vocês, comecei a te admirar – como não podia deixar de ser – e também todos esses aí, legisladores da melhor vida, que oferecem a mão a quem esteja tentando chegar até ela. E eles fazem isso, oferecendo os conselhos mais belos e úteis – desde que a pessoa não saia dos trilhos, nem escorregue no caminho, mas fique de olho aberto pras regras que vocês tiverem proposto pra impor um ritmo bom e endireitar a própria vida... O que, por Zeus, mesmo entre vocês, são poucos os que conseguem fazer!

[31] Mas vi que muitos deles não eram tomados pelo amor da Filosofia, e sim apenas dominados pela fama desse trampo, querendo muito parecer nas coisas todas que faziam em público com os melhores dos homens, mas de um jeito fácil, pois tô falando da barba, do gingado e das roupas. Mas, na vida e nas ações, eles faziam o contrário do esquema de vocês, buscando o oposto das suas coisas e destruindo a dignidade da parada toda... E eu ficava puto. Me parecia que a situação era que nem quando um ator de tragédia meio frouxo e afeminado inventa de interpretar Aquiles, Teseu ou até mesmo Héracles, sem ter o porte nem a voz de um herói, mas vem requebrando todo com uma máscara daquelas, que nem Helena nem Polixena jamais aceitariam ter alguma coisa a ver com ele. E Héracles, o imbatível, muito menos! Acho que, num piscar de olhos, ele esmagaria um tipo desses com uma porretada, bem na máscara dele, por desmunhecar de um jeito tão indigno do nome dele.

[32] Eu mesmo, quando vi a que grau vocês tavam sendo avacalhados por eles, não suportei a vergonha da farsa... É como se, sendo macacos, eles tivessem a cara-de-pau de botar máscaras de heróis – ou ainda, de fazer igual ao Asno de Cumas, que com uma pele de leão fingia ser ele mesmo um leão, diante dos ignorantes dos cumanos, e ficava lá muito inflado e terrível, até que um estrangeiro que muitas vezes já tinha visto asnos e leões envergonhou o farsante e sumiu com ele dali debaixo de chicotadas. Mas o mais foda pra mim, Filosofia, me parecia ser o seguinte: se algum deles era visto agindo como um desgraçado, malandro ou sem-vergonha, o

pessoal se perguntava pela causa e acabava que não era aquele lá, mas a própria Filosofia que eles acusavam: a coisa vinha direto pra Crisipo, Platão, Pitágoras ou qualquer outro que tivesse o nome usado pelo vagabundo e pelos discursos que ele imitava. E a partir das ruindades da vida desse desgraçado consideravam coisas ruins sobre vocês, que já estavam há muito tempo mortos... Não dava pra comparar com a vida de vocês, pois vocês estavam longe de nosso alcance, enquanto todo mundo via aquele que só arrumava confusão e coisa atrapalhada... Assim sendo, mesmo ausentes vocês eram condenados com ele e recebiam uma rasteira da mesma fofoca.

[33] Eu não suportei ver essas coisas, mas expus essa galera ao ridículo e marquei bem a diferença entre eles e vocês. Apesar disso, vocês, que deveriam me agradecer por isso, inventam de me processar... Se eu der de cara com alguém que está por dentro dos Mistérios e ele tiver divulgando as coisas proibidas das duas deusas e macaqueando em dancinhas, por acaso vocês me considerariam desrespeitoso se eu ficasse puto e impedisse que isso continuasse a acontecer? Eita questão de justiça! Pois também os juízes dos concursos dramáticos têm o hábito de usar o chicote no caso de algum ator com o papel de Atena, Poseidon ou Zeus não interpretar bem, nem de acordo com a dignidade dos deuses – e de modo algum os deuses ficam putos com eles só porque encarregam os chicoteadores de dar uma lição em quem veste a máscara e interpreta o papel deles daquele jeito, mas acho que até devem curtir bastante aquelas chicotadas bem dadas. Alguém não interpretar direito o papel de um escravo ou de um mensageiro é uma treta pequena, mas mostrar ao público um Zeus ou um Hércules sem nenhuma dignidade, isso sim é uma vergonha... Sai pra lá coisa ruim!

[34] Além disso, a coisa mais absurda de todas é que muitos deles conhecem a fundo as palavras de vocês, mas apenas por terem lido e estudado, pois parecem caçar justamente o contrário na forma como vivem: o livro deles diz que é preciso desprezar tanto os bens materiais quanto a fama, e só considerar a bondade como bem – e ser tranquilo e não dar bola pra essas celebridades aqui, mas conversar com elas em pé de igualdade – máximas belas, sábias e admiráveis de verdade, pelos deuses! Mas eles ensinam essas coisas por dinheiro e admiram os ricos – de queixo caído pela grana –, ficam putos mais fácil que aqueles cachorrinhos irritantes, são mais medrosos que coelhos, mais puxa-sacos que macacos, mais sem-vergonhas que jegues, mais gatunos que gatos, mais brigões que galos-de-briga. E é por isso que eles ficam tão ridículos, quando discutem por essas coisas e vêm num empurra-empurra só até as portas dos ricos – e, jantando em lugar cheio de gente, fazem longos discursos lotados de elogios, comem pra além da conta, ou reclamam da quantidade que receberam, e, de copo na mão, começam a

filosofar de modo desagradável e fora de hora, não dando conta de aguentar o vinho puro que inventaram de beber. Todas as pessoas comuns presentes morrem de rir e cospem justamente na filosofia, por ter nutrido tanta porcaria.

[35] O mais vergonhoso de tudo é que cada um deles diz não ter necessidade de nada – pois apenas o sábio é que seria rico –, mas pouco tempo depois chegam grasnando pra exigir coisas e ficam putos quando não recebem o que pediram... É como alguém que tendo nos trajes reais a alta coroa, o diadema e todos os outros sinais da realeza, requisitasse ajuda com os mais necessitados. Quando então acontece de receber o que queriam, fazem um longo discurso sobre a comunhão e o caráter indiferente da riqueza, “pois o que é o ouro ou a prata? Nada diferencia isso do cascalho da praia...”. Mas quando algum companheiro necessitado de ajuda, um amigo de longa data, por acaso vem pedir um pouco do muito que ele tem, aí é o silêncio, o constrangimento, a ignorância e o lenga-lenga anterior, só que ao contrário! E aquele monte de discursos sobre a amizade – além da virtude e da bondade – não sei pra onde vão, batendo asas, pois essas palavras sim de fato são aladas, ainda que usadas todos os dias na luta mais vã.

[36] Pois cada um deles é amigo do outro só enquanto não existe prata ou ouro na parada. Mas basta alguém mostrar um centavo que a paz chega ao fim – sem pacto nem declaração de guerra –, os livros desaparecem, a virtude se manda. É como o que rola entre cachorros quando algum osso é jogado no meio deles: lançando-se uns contra os outros, eles se mordem e latem pra quem pegou o osso primeiro. Dizem que um rei do Egito certa vez adestrou macacos na dança pírrica e que esses animais – os mais jeitosos pra imitar os gestos dos homens – aprenderam rapidamente e dançavam vestidos de roupas roxas, usando máscaras, e honravam muito a deusa. Assim durou até que um espectador civilizado, tendo nozes no bolso, jogou algumas delas no palco... E os macacos, quando viram aquilo, pararam a dança e, voltando a ser o que eram, ou seja, macacos – e não mais dançarinos da pírrica –, destruíram suas máscaras, rasgaram suas roupas e começaram a brigar uns contra os outros pela recompensa. E a boa ordem da dança foi arruinada sob a gargalhada do público.

[37] Desse mesmo jeito fazem aqueles lá... E eu sacaneava em praça pública eram eles, eles que eu jamais vou parar de expor e ridicularizar. Mas contra vocês ou seus seguidores – pois existem sim alguns que se preocupam com a filosofia de verdade e são fiéis às leis de vocês –, que eu jamais enlouqueça a ponto de falar alguma ofensa ou xingamento contra vocês. Mas o que é que eu poderia dizer? O que é que tem de comparável na vida de vocês? Esses malandros, até mesmo pelos deuses é normal eles serem odiados. Pois o que é que vocês diriam?, – Pitágoras, Platão, Crisipo ou Aristóteles – vocês diriam que aqueles tipos lá são chegados de vocês? Ou

ainda, qual relação de casa ou de família pode existir entre o *lifestyle* deles e o de vocês? Por Zeus, é como dizem, “macacos me mordam”! Só porque têm barbões e parecem filosofar de cara fechada, só por isso é preciso comparar essa galera com vocês? Eu aguentaria isso se eles pelo menos fossem convincentes e interpretassem bem o próprio papel. Mas agora, um urubu imitaria melhor uma andorinha do que eles um filósofo. Falei tudo o que eu queria sobre mim e tenho dito! E você, ô Verdade, vem aqui dar o seu testemunho pra eles, se tudo é verdadeiro ou não...

[38] FILOSOFIA: Dá licença, Papo-Reto, se afasta um pouco... Um pouco mais. – O que a gente vai fazer? Como é que o homem se saiu na opinião de vocês?

VERDADE: Por mim, Filosofia, enquanto ele tava falando, eu queria que a terra me engolissem – de tanto que era verdade o que ele dizia. Pelo menos eu reconhecia tudo o que tava escutando e identificava bem à medida que ele ia falando: isto é típico de fulano, aquilo é de cicrano, que só faz porcarias, etc... Ele mostrou em geral de forma bem clara os homens como numa pintura, igualzinho em todos os traços, não apenas no corpo, mas também na alma deles... E isso, representando tudo com a maior precisão.

VIRTUDE: Eu que sou a própria Virtude também fiquei vermelha de vergonha...

FILOSOFIA: E vocês... O que me dizem?

PLATÃO: Nada mais que retirar a acusação contra ele e inscrever o nome dele como amigo e magnata de nós todos. A gente foi pego no mesmo vacilo que o pessoal de Ílion: eles moveram contra si mesmos um ator trágico pra cantar as desgraças dos frígios. Que ele cante então e faça uma tragédia com esses crápulas inimigos dos deuses.

DIÓGENES: Eu também acho, Filosofia... Tô bem de acordo com esse homem aí e retiro a minha acusação. Na verdade, até vou fazer dele um amigo, pois é sangue bom.

[39] FILOSOFIA: Mandou bem... Chega mais, Papo-Reto! Nós retiramos a acusação... Você venceu com todos os votos. E fique sabendo que, de agora em diante, você faz parte da galera.

PAPO-RETO: Em primeiro lugar, eu agradeço de joelhos... Ou melhor, acho mais legal fazer isso de forma trágica, com mais moral: “Ô grande e assinalada Vitória, suporta minha vida e não cesses de coroá-la”.²⁴

VIRTUDE: Façamos então um segundo brinde aos deuses...! E vamos convocar aqueles tipos pra castigar todo mundo que sacaneou a gente. Papo-Reto vai acusar um de cada vez...

FILOSOFIA: Tá certo, Virtude! E você, Silogismo, meu filho, baixa na cidade e faça o anúncio pros filósofos.

²⁴ Eurípides, encerramento das peças *Fenícias*, *Orestes* e *Ifigênia em Táuris*.

[40] SILOGISMO: Senhoras e senhores, silêncio! É preciso que os filósofos venham à Acrópole pra se justificar diante da Virtude, da Filosofia e da Justiça...

PAPO-RETO: Tá vendo? Poucos tão vindo pra cá depois de ouvir esse anúncio – é como se eles tivessem medo da justiça. E muitos deles não têm um minuto livre, já que tão sempre ocupados em volta dos ricos. Se você quiser que todos venham, você tem que anunciar alguma coisa mais ou menos assim, ô Silogismo...

SILOGISMO: Eu tô fora, Papo-Reto... Chama você!, do jeito que te parecer melhor.

[41] PAPO-RETO: Isso não é nada difícil... Senhoras e senhores, silêncio! Todos os que se dizem filósofos e julgam ser dignos desse nome, favor comparecer à Acrópole pra distribuição pública. Dois mil reais pra cada um e uma torta de gergelim. E quem mostrar um barbão caprichado ainda vai ter direito a um bolo de figos secos. Não é preciso trazer moderação, senso de justiça nem autocontrole – pois não é preciso ter essas coisas, se já não tiver nenhuma delas. Mas cinco silogismos sim: não dá pra ser sábio sem alguns deles.

“Em meio deles jazem dois talentos que
Daremos a quem for melhor na controvérsia.”²⁵

[42] FILOSOFIA: Putzgrila, que galera! O morro tá cheio de gente, num empurra-empurra só, por causa dos dois mil reais... Foi só eles ouvirem falar disso. Outros tão vindo dos lados do Pelásgico, outros do Asclépion e uma galera também do Areópago – alguns tão descendo da tumba de Talo e outros, colocando escadas no Anaqueio, tão subindo num zumzum só, por Zeus, feito um enxame, como diz Homero.²⁶ E olha quantos do lado de cá, e que multidão do lado de lá, que nem a quantidade de flores e folhas na primavera...²⁷ Num piscar-de-olhos a Acrópole já tá lotada de gente sentada, numa barulheira só,²⁸ e por todos os lados tem mochila de filósofo, barba e sem-vergonhice, bastão e gulodice, silogismo e ganância – e os poucos que tinham subido por causa daquele primeiro anúncio, agora já ficaram invisíveis e indistintos, misturados com a multidão dos outros, despercebidos por causa da semelhança exterior deles com os outros.

PAPO-RETO: Isso é o mais foda, ô Filosofia, e alguém podia querer te encher muito o saco por causa disso, que é por você não ter botado nenhuma identificação nem sinal neles... Muitas vezes esses pilantras passam mais confiança do que os que filosofam de verdade.

FILOSOFIA: Em breve vai ser assim, mas é bom a gente já receber os que tão chegando.

²⁵ Cf. *Ilíada* 18, 507-8.

²⁶ *Ilíada* 2, 89.

²⁷ *Ilíada* 2, 468.

²⁸ *Ilíada* 2, 463.

[43] PLATÔNICO: Nós Platônicos precisamos receber primeiro.

PITAGÓRICO: Não vocês, mas nós, Pitagóricos – pois Pitágoras veio antes.

ESTOICO: Conversa fiada... Os melhores somos nós do Pórtico.

PERIPATÉTICO: Não mesmo, mas, em matéria de grana, é a gente do Calçadão que deveria ser primeiro.

EPICURISTAS: Dá pra nós, Epicuristas, os doces e os bolos de figo – a grana a gente pode esperar, mesmo que fique por último.

ACADÊMICO: Onde estão os dois talentos? Nós, Acadêmicos, vamo mostrar o quanto nós somos mais competitivos que os outros...

ESTOICO: Não com nós, Estoicos, aqui presentes!

[44] FILOSOFIA: Parem de brigar! E vocês, Cínicos, chega de empurra-empurra e paulada. Saibam que por outras razões vocês foram chamados. Neste momento, eu – Filosofia –, além da Virtude e da Verdade em pessoa, vamos julgar quem filosofa direito. Em seguida, todo mundo que a gente descobrir com uma vida parecendo nos conformes vai ser felizardo por ter sido julgado excelente. Já os patifes e quem não tem nada a ver com a gente nas suas ruindades – nós vamos esmagar, pra que não voltem a disputar contra superiores, esses patifes... – Mas o que é isso? Vocês tão fugindo? Por Zeus, a maioria tá se jogando daqui do alto do monte... Ó, a Acrópole já tá vazia, a não ser por esses poucos que ficaram sem medo do julgamento.

[45] Ô ajudantes, peguem essa mochila que o Cínico deixou cair na hora da fuga. Traz ela aqui pra eu ver o que tem dentro. Sem dúvida, tremoços, um livro ou pão integral...

AJUDANTE: Não... Um pouco de ouro, perfume, um *gillette*, um espelho e *cupcakes*.

FILOSOFIA: Muito bem, meu rei! Então estes eram os recursos do seu exercício filosófico e era com isto que pretendia interpelar a todos e ensinar alguma coisa pra eles...

PAPO-RETO: Só agora se mostram pra vocês como eles são. É preciso encontrar um jeito pra gente parar de confundir isso e pros interlocutores reconhecerem os que são de fato os melhores dentre eles e os que são de outro tipo de *lifestyle*.

FILOSOFIA: Ô Verdade, você bem que podia descobrir algo, hein? Isso seria do seu interesse, pras *Fake News* não te subjugarem e pra que – com proteção da Ignorância – essa gente mesquinha não possa escapar da galera do bem apenas se fazendo passar por eles.

[46] VERDADE: Se te parecer uma boa ideia, vamo deixar isso com o próprio Papo-Reto, pois ele já se mostrou da galera do bem, cheio de boas intenções com a gente, além de ser alguém que admira muito você, Filosofia... Que ele vá com Argumento e resolva encontrar todos os que se dizem filósofos. Em seguida, se encontrar um filósofo nato mesmo, pode coroar com

uma coroa de louros e convidar ao Pritaneu. Mas se trombar com algum salafrário – desses que existem aos montes – fingindo ser um homem de filosofia, que ele arranque fora o seu manto, raspe a sua barba bem rente à cara com uma lâmina de raspar bode e sobre sua fuça imprima um sinal ou sobre sua testa marque com um ferro em brasa. E que a marca seja a de uma raposa ou a de um macaco.

FILOSOFIA: Mandou bem, ô Verdade! E que você, Papo-Reto, coloque essa galera à prova, tal como dizem que é com as águias, de cara virada pro sol... Mas, por Zeus!, nem precisa de botar pra encarar a luz e passar no teste desse jeito: basta oferecer grana, fama ou prazer; caso alguém menospreze essas coisas e não seja seduzido por sua aparência, que seja coroado com louros; porém, se ficar encarando fixamente e levar a mão até a grana, será preciso levar esse aí ao ferro em brasa, não sem antes raspar a barba como foi decidido.

[47] PAPO-RETO: Assim será, Filosofia! E você vai ver uma cambada deles com raposas ou macacos, mas muito poucos coroados. Se vocês quiserem, vou trazer até vocês alguns deles aqui pra cima agora.

FILOSOFIA: O quê? Você vai trazer aqui pra cima os fujões?

PAPO-RETO: E como... É só a Sacerdotisa me emprestar por um tempinho aquela linha de pesca e aquele anzol que o pescador do Pireu deixou aqui como oferenda.

SACERDOTISA: Tá aqui, toma! E a vara também, pra você ter o conjunto todo.

PAPO-RETO: E então, Sacerdotisa, me arruma também uns figos secos e um pouquinho de ouro.

SACERDOTISA: Pega!

FILOSOFIA: O que é que o homem tá pensando em fazer? Ele botou o figo no anzol – além do ouro – e, sentado na ponta do muro, lançou a linha na direção da cidade. Ô Papo-Reto, o que é que você tá fazendo? Ou será que tá querendo pescar as pedras do Pelásgico?

PAPO-RETO: Filosofia, pshhh... Espera a pesca.

[48] E você, Poseidon-pescador, além da minha cara Anfitrite, manda muitos peixes pra nós... Mas estou vendo um peixe-gato de um tamanho bom – e ele parece bem voraz... Não, não, não!, olha lá!, um peixe-cão é que tá nele. Pelo menos é ele que tá vindo com o bocão aberto pra cima da isca. Farejou o ouro. Ele já tá pertinho... Opa! Pegou! Agora a gente tem que puxar. Você também, ô Argumento, puxa! Argumento, me ajuda a segurar a linha!

ARGUMENTO: Já tá cá em cima... ‘Bora ver quem é você, ô caríssimo peixe... Você é um cão, né? Por Héracles, que dentes! – O que é isso, meu rei? Você foi pego pela boca lá no meio do penhasco, lá onde esperava se esconder pra não ser visto, né? Mas agora você vai ser mostrado

pra todo mundo, dependurado pelas brânquias. Vamos tirar o anzol e a isca... Por Zeus, ele já engoliu! O anzol tá vazio... O figo e o ouro já devem ter chegado na barriga.

PAPO-RETO: Que ele vomite!, por Zeus! Pra gente ter isca também pros outros... Assim, está bem! O que você me diz, Diógenes? Você conhece esse tipo? Será que o sujeito tem alguma relação com você?

DIÓGENES: De jeito nenhum!

PAPO-RETO: O que fazer então? Quanto é que ele valeria? Eu pelo menos avaliei ele em dois centavos outro dia mesmo.

DIÓGENES: E tá caro! Ele é intragável, horrível, duro e não vale nada... Joga ele de cabeça daqui do alto do penhasco! E você, lança o anzol de novo... Ó aquele lá! Só cuidado, Papo-Reto, pra sua vara não forçar demais e acabar rachando.

PAPO-RETO: Deixa comigo, Diógenes! Eles são levinhos e pesam menos que os mais leves dos bagres.

DIÓGENES: Por Zeus!, eles são é uns cabeças de bagre! De todo jeito, puxa a linha!

[49] PAPO-RETO: *Voilà* um outro... E ele é bem largo, como se fosse um peixe cortado em dois, algum peixe-chato e já ‘tá com o bocão aberto na direção da isca... Engoliu! ‘Tá pego! É preciso puxar. Quem é?

ARGUMENTO: Ele diz que é platônico...

PAPO-RETO: E você, seu salafrário, também veio por causa do ouro? O que você diz, Platão? Que vamos fazer com ele?

[50] PLATÃO: Joga do penhasco este aí também! E vamo’ pescar mais um!

PAPO-RETO: Tô vendo um se aproximando que é bonitão, pelo que dá pra ver do fundo da água pelo menos – ele é todo colorido e tem umas listas douradas nas costas. Você tá vendo, Argumento?

ARGUMENTO: Este aí tá se valendo do nome de Aristóteles...

PAPO-RETO: Ele chegou pertinho, mas já se mandou. Tá analisando com atenção... Voltou de novo, abriu o bocão..., tá preso! Puxa pra fora.

ARISTÓTELES: Não me pergunte nada sobre ele, Papo-Reto... Eu não faço a mínima ideia de quem é.

[51] PAPO-RETO: Então é mais um, Aristóteles, que se vai penhasco abaixo. Mas eis que eu tô vendo um monte de peixes lá embaixo, espinhentos e de aparência agressiva, mais difíceis de pegar do que ouriços. A gente vai precisar de uma rede pra eles...

FILOSOFIA: Mas não tem nenhuma aqui... Basta a gente pegar um só do bando. Aquele que chegar até o anzol com certeza vai ser o mais sem-vergonha deles.

ARGUMENTO: Se te parece uma boa ideia, só joga a linha depois de ter protegido ela com um pedaço de ferro, pra ela não ser cortada pelos dentes dele, quando tiver engolido o ouro.

PAPO-RETO: Tá lançado! E você, Poseidon, se encarrega de uma pesca farta... Putzgrila! Eles já caíram na porrada por causa do negócio: muitos tão roendo ao mesmo tempo o figo seco, outros tão agarrados no ouro e não largam dele. – Ah, mandou bem! Tá aí um bem grandão que foi pescado... Ei, se liga só: você diz que é da parte de quem? ... Eu sou ridículo de querer que um peixe fale, né? Todos eles são mudos! Mas você, Argumento, me diz quem é o professor deste aí...

ARGUMENTO: O Crisipo...

PAPO-RETO: Entendi. Deve ser porque ele tem [ouro] no nome.²⁹ Mas você, Crisipo, me responda – por Atena – se você conhece esses sujeitos e se aconselhou algum deles a agir assim...

CRISIPO: Não, por Zeus! Eita pergunta sacana, Papo-Reto! Sugerindo que algum de nós teria ligação com estes aí!

PAPO-RETO: Muito bem, Crisipo, você é uma pessoa nobre. E que este aí vá de cabeça encontrar os outros, pois ele é tão espinhento que dá até medo de furar a garganta engasgando com ele...

[52] FILOSOFIA: A pesca acabou, Papo-Reto! Desse jeito, nenhum deles – e olha que eles são muitos – vai embora arrancando fora a grana e a isca, pois do contrário você teria que pagar de volta pra Sacerdotisa. Assim sendo, a gente pode dar um passeio, enquanto ainda é tempo, antes de vocês voltarem pro lugar de onde vieram, sem extrapolar o limite. Já vocês dois, você e o Argumento, ô Papo-Reto, dando um giro em volta destes aí, coroem ou marquem a ferro, como eu falei.

PAPO-RETO: Isso vai ser feito, Filosofia. Quanto a vocês: adeus, ô melhores dos homens! Mas a gente precisa descer, Argumento, e cumprir as instruções.

ARGUMENTO: Aonde a gente deve ir primeiro? Pra Academia, pro Pórtico ou seria melhor começar pelo Liceu?

PAPO-RETO: Tanto faz... Só sei de uma coisa: pra onde quer que a gente vá, a gente vai precisar de pouca coroa, mas de muito ferro em brasa.

²⁹ Jogo em alusão ao nome de Crisipo, relacionado etimologicamente à palavra “ouro” em grego antigo (χρυσός).

Recebido em: 13/02/2021

Aprovado em: 24/05/2021